

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XVI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1977

TOMAS GARABITO e M.^a ESTHER SOLOVERA, *Terra Sigillata Hispanica de Trido I-moldes*, «Studia Archaeologica», 38, 1975; 35 p., 10 fig., 17 est. *Id. y Terra Sigillata de Trido II — marcas de alfarero*, «Studia Archaeologica», 40, 1976; 62 p., 15 fig., 13 est.; *Id. Terra Sigillata Hispanica de Trido III — formas decoradas*, «Studia Archaeologica» 43, 1976, p. 67, fig. 20, est. 1.; **CONCEPTION MENDEZ-REVUELTA**, *Materiales para el estudio déla figura humana en el temario decorativo de la terra sigillata hispánica*, «Studia Archaeologica», 41, 1976; 53 p., 236 fig.

Entre as publicações mais recentes patrocinadas pelos Departamentos de Prehistoria y Arqueologia das Universidades de Santiago de Compostela e de Valladolid contam-se os trabalhos citados que testemunham o entusiasmo e a preparação académica com que os mais novos da vizinha Espanha estão a lançar-se no estudo da «sigillata» hispânica. Não são ainda obras de grande fôlego a esgotar os assuntos que propõem mas notícias e estudos parcelares com o duplo interesse de anunciarem uma investigação sistemática de grande importância e de nos fornecerem para já uma informação que doravante será obrigatório citar.

Abrimos aqui um parêntesis para desejar que no futuro os autores se preocupem um pouco mais com a apresentação das ilustrações e, sobretudo, com a qualidade dos desenhos; a literatura internacional da especialidade tornou desde há muito prática corrente um *standard* bastante mais elevado.

Ainda que resultantes de simples prospecção de superfície, os materiais analisados nos três estudos dedicados à produção de Trido (Logroño) incluem 74 fragmentos de moldes, 164 de vasos decorados e 113 marcas de oleiro; quantidades suficientes para afirmar uma produção que parece vir a impor-se como a mais importante da Península. O reportório de formas e decorações atesta uma actividade longa e sem interrupções desde muito provavelmente o segundo quartel do séc. i d.C. até ao Baixo Império, embora acusando uma decadência — quase obrigatória — a partir dos finais do séc. n. Embora não haja um só fragmento que não traga em si a marca inconfundível do estilo peninsular, a influência sudgálica é clara em muitos pormenores, indo ao ponto de, no caso do molde n.º 41, copiar directamente um festão muito usado por Níger.

Se não deixam por si só prever toda a riqueza de motivos nem a variedade da sintaxe decorativa expressa nos fragmentos de vasos, estes moldes testemunham uma qualidade e uma dimensão de produção que os anteriormente conhecidos (publicados por Santa Olalla e Mezquiriz de Catalán) não faziam prever. O mesmo se pode dizer das marcas: o conjunto apresentado por Garabito e Solovera não significa necessariamente que todos aqueles oleiros trabalharam em Tricio mas é suficiente para pensarmos que alguns dos nomes mais importantes da «sigillata» hispânica estão ligados àquele centro.

Assim se compreende que, na busca legítima de uma oficina capaz de ter originado uma produção que pouco a pouco se tem vindo a individualizar,

dispersa por muitos sítios e com particular incidência em Mérida, F. Mayet tenha apontado esta cidade como o centro de fabrico mais provável. A avaliar as possibilidades de Tricio, Abella, Solsona, Corella, Liédena, Bronchales e Uxama pelos achados conhecidos até 1975 (Cf. títulos *supra cit.* e Mezquiriz de Catalán, *Nuevos hallazgos sobre fabricación de sigillata hispánica en la zona de Tricio*, «Miscelánea Arqueológica», Zaragoza, 1975, p. 231-245) era de supor que as oficinas setentrionais teriam tido durante o Alto Império uma produção menor, pouco difundida no centro e no sul: Andujar e Granada ofereciam melhores produções e mais vastas mas completamente diferentes do que se encontra na Lusitânia; daí que Mérida aparecesse como lógica hipótese de trabalho.

Não vamos agora pretender que tudo o que se lhe atribuía deva ser em bloco transferido para Tricio, nem negar a possibilidade de uma produção emeritense; mas é forçoso rever certas propostas (Cf. *Fouilles de Conimbriga*, IV, Paris, 1975, p. 342, fig. 5). As citações frequentes dos autores ao material de Conimbriga, Coimbra e museus do norte de Portugal, mostram claramente a existência de fortes relações entre Tricio e os lugares apontados mas um estudo aturado de todos os motivos e da sua articulação nos esquemas decorativos, a análise minuciosa dos guilhocês que ornaram os bordos de muitos vasos, a comparação de certos detalhes dos perfis, podem levar mais longe.

Por outro lado, oleiros cuja filiação escapava de todo, aparecem agora como indubitavelmente tricienses. Tem para nós particular importância a marca S. N. frequente em Conimbriga mas desconhecida em qualquer outro lugar — tanto quanto sabemos — até às descobertas de Garabito e Solovera. A este propósito ocorre-nos sublinhar que a marca deste oleiro oferece duas versões para o N, uma delas com a segunda haste muito oblíqua o que nos parece resolver os escrúpulos dos autores quanto à interpretação da marca apresentada por Balil como EX OF S.M. (p. 17).

Queixam-se os Autores — e compreendêmo-los bem — da inexistência de obras de conjunto sobre a «sigillata» hispânica «como as que existem para a sudgálica». Ninguém ignora, todavia, que tais obras só são possíveis quando ao estudo exaustivo dos fundos dos museus se vem juntar a evidência dos centros de fabrico e as cronologias precisas de algumas escavações de sítios bem datados.

Resta-nos esperar que todos aqueles que se dedicam à descoberta de Tricio consigam realizar um plano coerente de escavação e estudo das estruturas e dos materiais, oferecendo-nos em futuro próximo uma monografia sobre o conjunto da produção.

De posse desse trabalho fundamental, do corpus de motivos e decorações que F. Mayet tirará da sua infatigável peregrinação aos museus peninsulares, das obras recentemente publicadas sobre Andujar e Clunia, entender-se-á melhor o anteriormente publicado e será finalmente possível dar o seu a seu dono e refazer sem fantasia os caminhos trilhados pelas diversas produções.

Do alcance do seu estudo, tem C. Mendez-Revuelta exacta consciência quando diz que «este análises en quanto a *corpus*, es sólo una muestra de un

repertório que dia a dia se nos muestra más rico». Tal limitação não diminui, porém, o valor da iniciativa.

Além da comodidade que proporciona a quem busca paralelos, excedendo já muito a obra basilar de Mezquiriz, o presente trabalho permite uma fácil comparação dos diversos motivos a qual conduz inevitavelmente à intuição de estilos ou formas de expressão que bem podem corresponder a outros tantos centros de fabrico e oferece-nos uma série de considerações e observações críticas que ajudam a abrir caminho à visão de conjunto por que todos esperamos.

Justa e a reter — para que se evitem considerações inúteis e viciadas, mas nem por isso menos frequentes, a afirmação de que a produção hispânica dispunha no seu conjunto de um repertório de punções relativamente reduzido e empregava com frequência o desenho à mão livre nos próprios moldes o que — tenhamos disso consciência — torna bem mais complexo, se não por vezes impossível, do que nas «sigillatas» gálicas, o problema da filiação; as semelhanças esporadicamente observadas entre motivos ou esquemas da produção hispânica com os de vasos fabricados nas Gálias central e oriental deverão ser apenas encaradas como coincidências puras ou provocadas pela força igualitária das modas ou pela fonte de inspiração comum que efectivamente existiu.

Discordamos da valorização atribuída (p. 53 e nota 76) ao repertório figurativo de Bronchales. Se aparece importante pela quantidade de elementos que indiscutivelmente lhe pertencem, afigura-se-nos menos importante pela qualidade e pela difusão do seu estilo caracterizado por um certo infantilismo — que a abundância de pormenores não põe em causa — muito típico e persistente. Pelo contrário, observa-se em motivos doutras proveniências uma simplificação, elegância e domínio do traço que denotam maior qualidade artística e a existência de uma mesma origem; nas condições actuais dos conhecimentos é-se tentado a pensar em Tricio.

Esperemos que a autora prossiga na sua meritória tarefa; os temas puramente geométricos são de entre todos os mais complexos e árduos, mas não menos ricos de consequências: o seu tratamento aprofundado vai levar certamente à necessidade de rever algumas ideias geralmente aceites e repetidas sem contestação no que respeita à sucessão dos grandes esquemas decorativos e sua cronologia.

ADÍLIA ALARCÃO

COLETTE BÉMONT, *Monies de gobelets ornés de la Gaule Centrale au Musèe des Antiquités Nationales*, XXXIII^e Supplément à «Gallia», Paris, 1977; 253 p. ilust. + XL est.

Com uma ilustração impecável, ordenada com um gosto pouco frequente na literatura arqueológica francesa, a presente obra surge como um dos suplementos da «Gália» mais bem concebido e impresso. Para esse sucesso